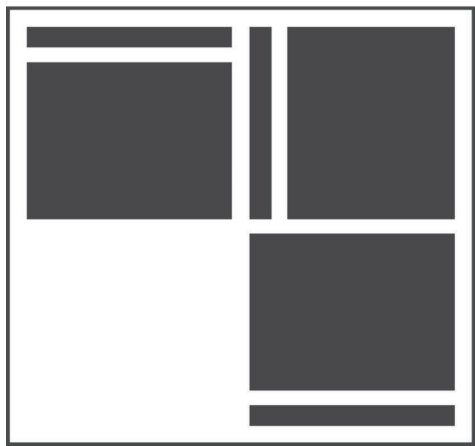




JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XVII nº 129, março/abril — 2025



MOZART, LEOPOLD: UMA VIDA RECONTADA

Vera Lúcia de Oliveira

Quando a diligência partiu de Munique com destino à pequena Salzburg, Leopold Mozart não estava só: tinha, acomodado à sua frente, o casal Schláfer, a quem contaria sua vida na longa trajetória da viagem noite adentro. Esse é o recurso que Luiz Antonio de Assis Brasil (1945 - ...) utiliza para narrar a excelente novela (como a chamou) *Leopold* (BH: Zain, 2023). Achou por bem caracterizá-la como novela para que os leitores não a tomassem como inteiramente biográfica. Mas é, sim, uma biografia belíssima que demandou ao autor quatro anos de intensa pesquisa e muitas viagens à Áustria, país da genial família Mozart.

Leopold não é somente um livro para os amantes da música, mas sobretudo um livro para os apaixonados pela música divina de Wolfgang Amadeus Mozart, um fenômeno raro para o qual não há explicação, a não ser a do sopro do Espírito Santo nos ouvidos do menino precoce. Só pode...

Assis Brasil, no “Posfácio para ser lido antes”, questiona a si mesmo: “Que autoridade tinha eu, sul-americano, para escrever sobre um tema europeu, alemão, austríaco e musical, em português?” (p. 287). Mas tinha, e tem, toda a autoridade do mundo, pois, como músico renomado, esse premiado escritor gaúcho, doutor e pós-doutor em Letras e autor de inúmeros romances e ensaios, atuou desde jovem em orquestras e como violoncelista por mais de quinze anos na prestigiosa Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA), na altura a melhor orquestra do Brasil, como diz, sob maestros de ressonância nacional e internacional. Ainda que não fosse o músico que é, só a paixão por Mozart justificaria a escrita do livro. Conhecedor profundo da obra

do mestre, mergulhou nas fontes primárias, a exemplo das mais de quinhentas cartas da família Mozart que leu, e nos arquivos de Salzburg onde fez uma imersão ímpar. Foram várias viagens seguindo literalmente os passos do pequeno gênio e, claro, do pai Leopold: contou os 437 passos que ligam a primeira morada da família à Residenz (palácio do príncipe-arcebispo); gravou o exato timbre da igreja onde Mozart foi batizado, visitou o cemitério onde descansa de tanta luta o pai Leopold; enfrentou a neve, o frio; examinou minuciosamente o forte-piano de Mozart e muito mais.

Dessa forma, munido de rico material biográfico (e explicações disponíveis no QR Code do marcador do livro), estava o nosso autor apto a escrever sobre a família composta pelo pai, Leopold Mozart, a mãe, Anna Maria Pertl Mozart, a filha, Maria Anna Mozart, chamada carinhosamente Nannerl, e o caçula Wolfgang Amadeus Mozart, também carinhosamente chamado pelo apelido Wolferl. Família de músicos, pois a irmã era muito talentosa, mas não se destacou como merecia, em razão do talento extraordinário do irmão que fez sombra para ela.

Assis Brasil nos encanta com a história dessa família, adentrando-se na relação pai e filho, seu objetivo de narrador, sobretudo esclarecendo a conduta enérgica desse pai, pois, além da necessidade de dinheiro para a difícil sobrevivência numa cidade onde todos eram

músicos, sentia-se responsável pela condução da carreira do filho tão talentoso da melhor maneira possível. Ele, Leopold, mais que ninguém, sabia disso, pois não só era compositor, regente, como também era professor de música, violinista e autor de livro didático sobre essa arte, *Método de violino*.

Leopold Mozart nasceu em Augsburg em 1719 e morreu em Salzburg em 1787, na Áustria, em pleno Iluminismo, movimento cultural europeu, assim chamado por privilegiar a razão em detrimento do obscurantismo. As “luzes”, ou seja, o racionalismo, com base no conhecimento da ciência, em oposição às superstições, atribuídas à herança da religiosidade medieval. (O curioso, no caso dos Mozart, observa Assis Brasil, é que a família era iluminista e católica fervorosa: razão e fé.) Leopold era, portanto, um homem das Luzes: culto, intelectual, leitor dos clássicos antigos, como Cícero, e dos contemporâneos, como os enciclopedistas Diderot, D’Alembert, Rousseau e Voltaire. E de muitas mulheres inteligentes e intelectuais. Época do brilho da corte dos Habsburgos em Viena, a capital imperial, onde o filho Mozart queria muito mostrar o seu talento e vencer perante a exigente e volúvel plateia de nobres da cidade. E cair nas graças da família imperial, único modo de garantir a sobrevivência naquela época de mecenato.

Continuação na página 2

A ARTE DE FAZER UM POVO

Ana Paula Arendt

► PÁGINA 8

Como dissemos, *Leopold* é um livro sobre músicos para os apaixonados por música erudita. Na longa viagem, Leopold muitas vezes fala sozinho, uma vez que o casal “ouvinte” dorme a sono solto, embalados pelos sacolejos da carruagem. A narrativa não é linear, segue também os solavancos da memória, vai e volta, desde o casamento, nascimento dos filhos, até o momento presente em que o filho já é uma celebridade na Europa e mesmo no mundo, para orgulho e preocupação do pai com o filho perdulário.

Como professor de música, Leopold analisa tecnicamente a obra do filho, todas as composições, mostrando as inovações, seu gosto pela ópera, sua alegria, ousadias e beleza que encantou o maravilhoso Joseph Haydn que, ao término de uma apresentação, com os olhos cheios de lágrimas, disse-lhe: “Herr Mozart, afirmo ao senhor, perante Deus e como homem honrado, seu filho é o maior compositor que eu conheço, tanto em pessoa como de nome.” (p. 44).

O pequeno Mozart pode ser considerado um milagre. Antes mesmo de saber ler e escrever já foi capaz de executar uma página musical do pai que, com emoção, assim se expressa:

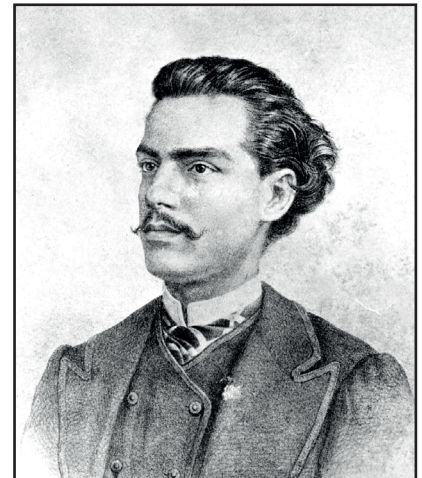
“(...) Um milagre como a ressurreição de Lázaro, um milagre como o sol estático na batalha de Josué. Chamei aquela data, de ali em diante, e só para mim, de Dia do Milagre. Deus, na sua infinita bondade, fizera o mila-

gre de Wolferl nascer na Europa, na pequena Salzburg, na minha casa. Senti-me, na minha fantasia e no meu exagero, como se sentiram os pastores na noite de Natal, ao verem os anjos a sobrevoarem os campos e cantando a glória a Deus, até se arrepiaram os pelos dos meus braços, já disse isso, e então eu falei que nosso serão acabava ali, que fôssemos todos dormir, e, no meio da noite escura, Wolferl abriu a porta do nosso quarto, de camisola, clareado apenas pela lamparina da sala, e disse *Quando eu for um compositor famoso, eu devolvo ao senhor aquela folha de música:*” (p. 36).

Assis Brasil trata com extrema delicadeza o dilema e sofrimento de Leopold ao tomar decisões duras em relação aos filhos, como a que apagou o futuro de Nannerl como concertista em favor do talento de Wolferl, e relegando a si mesmo à solidão, ao vazio, ao ostracismo. Foi incompreendido e passou para a história como pai autoritário, egoísta, quando na verdade abriu mão de sua carreira para dedicar-se à do filho, em longas e cansativas viagens pelas capitais europeias, passando todo tipo de necessidade. Foi, porém, pai amoroso e profundo admirador do filho.

Assim, esse livro belo e necessário resgata a história de Leopold Mozart, contada por ele mesmo, de modo ficcional, mas repleta de verdade, levando o leitor a refletir sobre o quão difícil deve ter sido para esse homem ser pai de Wolfgang Amadeus Mozart...

Soneto do Mês



DULCE Castro Alves

Se houvesse ainda talismã bendito,
Que desse ao pântano – a corrente pura,
Musgo – ao rochedo, festa – à sepultura,
Das águias negras – harmonia ao grito...

Se alguém pudesse ao infeliz precito
Dar lugar no banquete da ventura...
E trocar-lhe o velar da insônia escura
No poema dos beijos – infinito...

Certo... serias tu, donzela casta,
Quem me tomasse em meio do Calvário
A cruz de angústias que o meu ser arrasta!...

Mas se tudo recusa-me o fadário,
Na hora de expirar, ó Dulce, basta
Morrer beijando a cruz do teu rosário!

(Seleção de Napoleão Valadares)

POEMAS DE NOÉLIA RIBEIRO

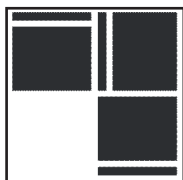
PARA OS OLHOS DE JOÃO CABRAL

Meus olhos não têm telescópios
Resistem a subterfúgios de gentes pela metade
a coser com pontos largos o exagero de ter
Seus destinos não deixam marcas no sol
que ora se impõe cegando peixes

QUADRO

Natureza
morrendo
no fundo
branco
da vista

Emparedada
pintura
alheia à prova
indelével
do artista



Associação Nacional de Escritores
www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br @associacaonacionaldeescritores

31ª DIRETORIA
2023-2026

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
Vice-Presidente: Roberto Rosas
Secretária-Geral: Sônia Helena
1º Tesoureiro: Gilmar Duarte Rocha
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza

Diretora Cultural: Sandra Maria
Diretor de Edição e Divulgação: Anderson Olivieri

Conselho: Anderson Braga Horta, José Carlos Coutinho,
Edmilson Caminha, Napoleão Valadares, Danilo Gomes,
Kori Bolivia e José Peixoto Jr.

JORNAL da ANE nº 129 – março / abril 2025

Editor

Anderson Olivieri
(Reg. FENAJ nº 2887)

Revisão

Napoleão Valadares

Conselho Editorial

Anderson Braga Horta, Sônia Helena e
Fabio de Sousa Coutinho

Programação Visual

Rosângela Trindade e Cristina Cardoso

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

HERMES LIMA

(PRIMEIRO PRESIDENTE DA ABrL)

Fabio de Sousa Coutinho

Nascido em Livramento do Brumado, no sertão da Bahia, em 22 de dezembro de 1902, Hermes Lima bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de seu Estado em 1924 e, um ano mais tarde, passou a ensinar Direito Constitucional na mesma escola.

Seu primeiro livro, *Introdução à Ciência do Direito*, foi publicado em 1933, quando Hermes já lecionava em São Paulo. A biografia de Tobias Barreto, intitulada *A Época e o Homem*, de 1939, é, até hoje, considerado um marco nos estudos que se fazem sobre a vida e a obra do jusfilósofo sergipano.

Em 1946, elegeu-se Deputado Federal à Assembleia Constituinte, iniciando uma intensa participação na vida política, cujo ápice foi a chefia da Casa Civil da Presidência da República e o desempenho dos cargos de Ministro do Trabalho e das Relações Exteriores e o de Primeiro-Ministro, na conciliatória e meteórica experiência parlamentarista republicana (1961-62).

Em 21 de maio de 1963, foi indicado pelo Presidente João Goulart para o Supremo Tribunal Federal, onde permaneceu até seu afastamento, no início de 1969, por ato ditatorial (AI-5) que também atingiu os Ministros Victor Nunes Leal e Evandro Lins e Silva. Nesse deplorável episódio, Hermes Lima revelou a extensão de um extraordinário senso de humor. Antes de encerrar a triste reunião ministerial que deliberou sobre a cassação dos três juízes do STF, o Marechal Costa e Silva resmungou: “Aproveito a oportunidade...” Hermes não se conformava com isso: “Aproveita a oportunidade para nos casar? O sujeito aproveita a oportunidade para alguma coisa boa, não é?”

Travessia, volume de memórias, dá bem a medida do valor de Hermes Lima, da profundidade de suas opções em momentos decisivos, resultantes de sua vocação para a liberdade de pensar e de agir. Há, no livro, pensamentos sutis e originais como, por exemplo: “Política é uma atividade para pecador e pecar é uma das atividades mais fascinantes,

contraditórias e perturbadoras que o ser humano pode exercer.”

Palavras ricas de intenção e, certamente, de sentido confessional. Embora se visse como “homem que gosta mais das ideias que da ação”, a leitura do primoroso *Travessia* demonstra que Hermes Lima não limitou sua existência a puras especulações teóricas. Integrou o grupo de escritores e intelectuais que, em 8 de março de 1968, fundou a Academia Brasiliense de Letras, da qual foi o primeiro presidente. Ainda em 1968, no dia 22 de agosto daquele ano, foi eleito para a cadeira 7 da Academia Brasileira de Letras, cujo patrono é o poeta romântico baiano Castro Alves. Na ABL, em que sucedeu a Afonso Pena Júnior, se empossou em 18 de dezembro de 1968, recebido pelo acadêmico Ivan Lins.

Hermes Lima faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1º de outubro de 1978, aos 75 anos de idade. Seu sucessor na Academia Brasileira de Letras foi o colossal jurista alagoano e brasileiro Pontes de Miranda.

EM SEGREDO

Helena de Macedo

Agarro-me a este pouco de vida, farpa afiada confinada ao recôndito. Quando subo ao Impossível, é lasca caída da turquesa lapidada que acompanha o meu regresso desse segredo onde só tu existes, me pertences e fascinas. Deixa-me dizer-te que te pertenço também, dentro e fora dele; guardo a sete chaves o que preferes não ver. Rende-te, porque me enclosurei ao teu lado, guardiã de corações sem destino e dos segredos neles aprisionados. Mantenho-os cativos até de mim. Cela virada ao Infundável. Amor sem rumo. Resistente aos ventos, marés e incertezas que agitam o mar das minhas emoções.

Diz-me o que quiseses, menos que não sabes, porque te vejo bem dentro. A minha alma conhece a tua de uma outra Existência, por isso sei o que nem imaginas.

Provocam-me, os sinais, timidamente, e recolhem ao precioso canto do olho. Não quero... não me atrevo a sair desta fanta-

sia para outra onde não estejas. Trouxeste-me um novo chão, mesmo que sinuoso, e respiro, empolgada por um sentir que, avassalador, não se quer preso. Lança-se, qual seta de Cupido, envolve-te e volta vezes sem conta, entre-laçando o bater dos nossos corações; perfeitos mendigos, errando, embriagados, entre cá e lá. Olho-te e... Oh! Giram, abrasadores, todos os sóis, juntam-se, enfáticas, todas as luas, cintilam, coniventes, todas as estrelas. Ilumina-me cada feixe de luz. Por muito pouco o segredo não deixa de ser só meu.

Voamos num tapete bordado a pedras preciosas sobre as mil e mais uma noites em que habitam os meus sonhos. As mil e mais uma vezes em que sussurro amo-te. És o Oásis dentro da minha Miragem, neste Espaço em que de tolo e louco todos temos um pouco.

Enquanto flutuamos, um só corpo val-sando sobre os hemisférios, o tempo para para embalar a minha ilusão. Percebo que todos os Mundos têm o seu lado inalcançável; enquanto houver um único Nunca o Para Sempre vai

e vem, moldado à realidade atingível do momento.

Mas esteja em que Mundo estiver, o que guardo em mim é tanto... dizê-lo não chega; o quanto não me cabe na voz, no peito ou sequer na imaginação... Embaraçam-se-me as palavras. Aglomeram-se, em desespero. Encontram um sentido comandadas pela urgência em expressar que o meu Impossível é não te poder contar, não te poder dar o que sinto; mimar o teu lado frágil, ganhar de ti o antídoto para este desassossego...

Silêncio inquieto. Lamúria abafada por lágrimas sem soluços; pingos esmorecidos a ressoar no vazio como bátegas de chuva. Não posso, não devo, mas quero. Martírio. Ímpeto vulcânico exalando o calor de todos os cristais que arrefecem lentamente no silêncio escuro aparentemente pacífico.

Nada penso, nada tenho, nada sei; apenas sinto. Em segredo.

MEMÓRIAS DE UM OFICIAL NAS PRIMÍCIAS

Cristóvão Naud

Visitei o Memorial das Comunicações no térreo e revivi toda uma fase de vida que tive na antiga Divisão de Transmissões Internacionais, a enorme repartição instalada no sexto andar, desde a prumada dos elevadores do lado leste até o fim do bloco. Trabalhávamos em turmas espalhadas em cinco turnos, 24 horas por dia, 365 dias por ano. Todas as minutas do ministério passavam por lá e já no fim dos anos 70 se usava código numérico digitado para entrar pela porta de aço, embora ninguém imaginasse, ainda, a instalação das rotineiras catracas nas entradas do prédio.

Ao me deparar com a sugestão de relatar eventos da época, lembrei-me da minha primeira missão ao exterior. Corria o ano de 1979 e se realizaria em Havana reunião do G-77. Como o Brasil é membro e se tratava de reunião multilateral, foi enviada delegação, chefiada pelo então ministro José Artur Denot Medeiros, assessorado pelo futuro embaixador Georges Lamazière, em início de carreira, e integrada por mais dois funcionários que se ocupariam das comunicações. Além dos servidores da antiga DPC, participaram funcionários do Ministério das Minas e Energia. Iniciava-se o revolucionário programa de alternativa energética no Brasil e o pró-álcool certamente tinha afinidade com um país açucareiro.

Ficamos no hotel Habana Libre e nossa missão, enquanto funcionários das comunicações, era estarmos presentes 24 horas por dia para receber, preparar as coleções de telegramas, digitá-los, e, principalmente, cifrar e decifrá-los. O equipamento levado foi uma HC-570 (a suíça Hagelin, em exposição), a máquina de criptografia mais avançada que tínhamos, na época. Entre os técnicos, cada modelo tinha um apelido de 4 letras. Se não me falha a memória tomaram emprestado para ela o nome de rosa, o mesmo da TLE (da mesma fabricante, em exposição), que trabalhava com duas fitas perfuradas simultâneas e já vinha se tornando obsoleta, além de dar muito truncamento, porque as fitas tinham que correr perfeitamente sincronizadas. Havia ainda a BCX, a barulhenta café, por sua semelhança com uma cafeteira, oriunda dos

tempos da 2ª guerra, a mala (Gretag, no formato de uma maleta), depois a maga, até a nita, ultimamente, nacional e ainda mais moderna que a HC, dentre outras. Tinha até dicionário, onde cada palavra se traduzia em um grupo de letras sem nexos.

Por questões de segurança absoluta o aparelho não podia ser despachado, seguiu como correio diplomático, mas como era muito grande e pesado não podia viajar como bagagem de mão. Assim, foi comprada uma passagem para a Dona Rosa, que viajou acomodada entre meu parceiro e eu na fileira de três poltronas. Mas, como o Brasil não tinha relações diplomáticas com Cuba, as rotas eram complicadas, também pelas dificuldades políticas entre Washington e Havana, de forma que fizemos uma escala de umas quatro horas em Nova York e seguimos para Montreal, de onde finalmente voaríamos para a capital cubana, pela companhia de mesmo nome. Nunca vou me esquecer do momento em que tomamos assento no Ilyushin, de fabricação russa, já à noite. Para um jovem de 23 anos que nunca tinha pensado em nada parecido para o seu futuro, era como estar dentro de um filme. Enfim, desembarcamos em Havana e rumamos de táxi para o hotel, onde nosso quarto já estava reservado e devidamente equipado. As máquinas criptográficas mais modernas faziam seu trabalho com rapidez, mas nenhuma delas transmitia. Para isso precisávamos de um aparelho de telex (muito semelhante ao que está exposto no memorial), já previamente instalado no quarto específico, a pedido do MRE. Ocorre que o carregador de malas, um simpático e atencioso senhor que nos conduziu até o quarto, não sabia disso. Assim que ele abriu a porta deparou-se com aquele trambolho em cima da mesa, algo completamente inusitado em sua rotina de trabalho e na mobília do hotel. Ficou muito assustado, barrou nossa entrada e ligou muito nervoso para a recepção: “es que hay una cosa, no sé que es... hay un aparato aquí...” A situação foi quase tensa. Enfim, tudo esclarecido, finalmente pudemos descansar. O “aparelho” não funcionava exatamente como telex, era o que se chamava de canal ponta a ponta, disponível para postos como DELBRASONU, DELBRASUPA e mais uns poucos, em co-

municação instantânea com a DTI. Não era possível se comunicar com outros números, como se fosse um telefone. Funcionava mais ou menos como o zap de hoje, digamos assim. Teclava lá, recebia aqui, e vice versa, ou seja, era possível conversar on line com os colegas, apenas em claro, obviamente. Os despachos telegráficos chegavam cifrados em forma de fita perfurada (2 + 3 furos), que era recolhida e passada na HC para decifrar e imprimir. Com os telegramas gerados durante a reunião era o contrário, recebíamos a minuta, digitávamos para produzir a fita perfurada, e cifrávamos para transmitir pelo assustador aparato. Alguém que nos grampeasse veria apenas inumeráveis linhas com grupinhos de 5 letras aleatórias.

A missão transcorreu na mais pura tranquilidade (pelo menos para nós, teletipistas) e, fora o problema de acessibilidade ao quarto, não tivemos qualquer inconveniente ou dificuldade, felizmente. Vale ainda registrar que a delegação brasileira foi tratada com muito respeito e distinção pelo governo local. Houve dois eventos gastronômicos sociais para os quais todas as delegações foram chamadas, com convites nominais a cada integrante. Meu colega Zacharias foi no primeiro, que não me recordo se foi numa churrascaria ou na Floridita. Eu fui jantar num local que não lembro o nome também, mas que se abria num grande pátio, todo amadeirado, sob tendas, com muitas mesas grandes. Lá estavam todos os representantes de 77 países, todos dispostos em suas mesas, quando chega o presidente Fidel Castro, evidentemente ansioso por reatar relações com o Brasil, o que só viria a acontecer 7 anos depois, no governo Sarney. El Comandante adentrou o salão com sua comitiva e se dirigiu ao nosso chefe, muito amigavelmente. Trocaram algumas palavras cordiais e apertaram-se as mãos. Depois rumou para a sua mesa e a nenhum outro delegado dispensou atenção tão especial.

No ano seguinte repeti a dose com outra delegação e a mesma máquina, dessa vez para uma reunião da FAO e talvez tenha sido o brasileiro que mais fez viagens oficiais a Cuba em tão pouco tempo, antes da normalização diplomática entre os dois países.

Mas nunca mais encontrei Fidel.

LITERATURA BRASILIENSE

Napoleão Valadares

Em 2005, Luiz Carlos Guimarães da Costa publicou *História da Literatura Brasiliense*. O livro, editado pela Thesaurus, com patrocínio do FAC – Fundo da Arte e da Cultura, é a mais completa obra sobre a literatura de Brasília publicada até hoje. Vinte anos depois, é tempo de se lembrar desse interessantíssimo trabalho, que vem sendo fonte de consulta a quem se interesse pelo assunto.

Trata-se de um compêndio elaborado por quem está plenamente consciente do rumo em que caminha a nossa literatura. Em certo ponto, o autor informa que “o volume de obras literárias publicado em Brasília, nessas quatro décadas e meia, é, sem sombra de dúvida, inédito para qualquer cidade neste país, e talvez no mundo”.

Conforme afirma Anderson Braga Horta, “um livro que, doravante, terá de ser considerado instrumento indispensável para qualquer abordagem à nave embalada da literatura brasiliense”.

De fato, Luiz Carlos analisa criteriosamente vários aspectos da literatura brasiliense,

entrando, às vezes, em detalhes nunca examinados por outros estudiosos. Traça os perfis dos escritores, menciona os prêmios mais importantes por eles conquistados, informa suas presenças na *Enciclopédia Brasileira de Literatura*, de Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa, e no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda, e ainda apresenta uma relação dos que pertencem à Academia Brasileira de Letras.

Mais adiante, indica “os considerados maiores ícones da literatura candanga, que têm, em grande parte, sustentado a qualidade e a expressão de que hoje ela desfruta no país. São apresentadas as biobibliografias detalhadas de 11 ícones perpétuos e 15 ícones vivos.”

Relaciona as antologias do Distrito Federal, com alguma informação sobre a organização de cada uma: *Poetas de Brasília*, *Contistas de Brasília*, *Antologia dos Poetas de Brasília*, *Brasília na Poesia Brasileira*, *Conto Candango*, *Horas Vagas*, *Nem Madeira nem Ferro Podem Fazer Cativo Quem na Aventura Vive*, *Planalto em Poesia*, *Diamante para Amantes*, *Capital Poems*, *Contos Correntes*,

Alma Gentil, *Ibirapitanga*, *Poesia de Brasília*, *Poemas para Brasília*, *Cronistas de Brasília*, *Antologia do Conto Brasiliense*, entre outras.

Se não bastasse, elabora os chamados “arquivos” – quadros contendo informações sobre os participantes das diversas antologias aqui publicadas, contendo nomes, datas e locais de nascimento, profissões, número de antologias de que participam, entidades a que pertencem e tempo de Brasília. E também quadros sobre academias e outras instituições culturais.

Luiz Carlos Guimarães da Costa, paraense de Londrina, formado em engenharia aeronáutica, com mestrado em transporte aéreo, fez também jornalismo. Veio para Brasília em 1987, foi funcionário do Ipea, secretário geral adjunto e chefe de gabinete da Secretaria Geral da Seplan e assessor técnico da Câmara dos Deputados. Homem de excelente trato, nosso colega na Associação Nacional de Escritores, querido por todos. Deixou este mundo em 4 de novembro de 2008, deixando-nos *História da Literatura Brasiliense*, precioso legado.

PRÍSTINO RIACHO PERDIDO

Flávio R. Kothe

Do meu útero prenhe eu tiro
Com uma faca bem afiada
Este texto sangrento que berra
Ceifado em campo plantado
Com trigo, cevada e cerveja
Trigal que se estende a teus pés
E te pede a paz do nascituro.

Não há maldade no que ora peço
O meu útero é o teu útero
Teu sangue é meu sangue exangue:
Temos a força da lama no mangue
O que para outros é apenas sujo
É para nós o alimento que resta
Caranguejos com patas fracas.

Nesses campos com a cor do mel
E o suor dos antigos escravos
Tomam banhos de sol e chuva
Nossos dias ditados pela physis
Rolando como águas do riacho
Que através de nós tem seu curso
Mas vai além de nós e se esvai.

A noite quente chega tingida
Pelo espectro do sol vermelho
Feito de fuligem e queimadas:
Bebo a água que redime e salva
Dessa garrafa que guardo ao lado:
Corre na goela como um regato
Feito de pedras e sussurros.

O belo riacho da minha infância
Virou esgoto, se tornou cloaca
Pelo braço desse bicho nefasto
Tão pequeno, na terra demasiado
Demônio que pensa ser progresso:
Não temos mais onde colocar
As pedras que nos cobrem o peito.

Ai pedras que filtravam águas
Cantando cristalinos sussurros
Entre folhagens a balançar
Avenças de histórias antigas
Vividas por nossos bisavós
Deixando intactas paisagens
Que nossos netos não verão.

Menino, mirava peixes no regato
Lambaris de lampejos rápidos
Jundiás que moravam sob pedras
Carás em casais de lindas cores:
Deixem que vivam todos, deixem
Eles são melhores que nossos nós
Não vamos estragar o regato.

Deixa dormir a noite, aceita
A visita que vem calada
O hino que nos rasga o peito
O estranho aceno do ausente
A pedra que na água sussurra
O peixe que era e já se foi
Aceita a noite que em nós se deita.

Em meio aos sussurros da noite
Ouve a fala do que se cala
Deixa o riacho seguir seu curso
No limo das pedras se lavam
Até as águas que tudo lavam
Em ti me aqueço e me esqueço
Na luz que as trevas me lançam.

O DESCOBRIMENTO DO BRASIL EM LINGUAGEM POÉTICA

Valdivia S. Beauchamp

A metamorfose lírica feita “através da visualização do mundo exterior e interior, se dá pelo movimento”; entre o instante poético e a descoberta desta realidade, acontece a troca entre o signo ou mito que virá a se materializar. Revelada pelo “caminho artístico”, a sensação de surpresa, inconsciente, dos primeiros navegadores, predisponha-os a uma percepção sensorial dos relevos geográficos, fauna, flora e aventuras, no ponto de descreverem suas imagens como se num choque poético.

Dentro desta lógica, examinaremos um segmento da Carta de Pero Vaz de Caminha, escrivão da esquadra de Pedro Álvares Cabral, ao El-Rei Dom Manuel, em 1500, anunciando a descoberta de uma terra que seria mais tarde, a terra do Brasil e uma interpretação dada por Oswald de Andrade.

“E, assim, seguimos nosso caminho por este mar de longe, até que terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, topamos alguns sinais de terra estando (distantes) da Ilha, segundo os pilotos diziam, cerca de 660 ou 670 léguas os quais (sinais) eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamavam Botelho, e assim mesmo outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E quarta-feira seguinte pela manhã, topamos com aves a que chamam furabuchos. Neste mesmo dia, a hora de véspera, houve-mos visto terra.”

O texto da Terra Firme, revivido por Oswald de Andrade durante a implantação do Modernismo do Brasil, no começo do século 20, repetiu uma poética de movimento. Sua poesia intitulada *Pero Vaz de Caminha*, em *Pau Brasil*, mantém a mesma metamorfose lírica que se dá entre o mito da gênese e a sua concepção literária.

Oswald explorou essa poesia em velocidade, dentro da estética a qual gostaria de chamar de sensorial. Acreditamos que a poesia significava o estado de uma intensidade organizada. Começou a inventar um idioma poético capaz de exprimir a cinética de vida. Segundo Fernand Leger, amigo do poeta, o lirismo novo acentuou o estado do espanto, ou seja, caminho artístico, esse que envolve uma transmutação da contemplação ativa, o *flash* mental, o choque poético.

“Seguimos nosso caminho por este mar de longe, até a Oitava da Páscoa. Topamos aves e houve-mos vista de terra.”

Oswald transforma o texto histórico – a Carta de Pero Vaz de Caminha – em poesia, onde o lirismo caminha com Caminha.

Em seu artigo “ABC do Cinema”, publicado entre 1919 e 1921, Cendrars já considerava que as técnicas cinematográficas seriam a solução para o impasse da literatura.

Oswald de Andrade obviamente adota esta teoria e desenvolve uma noção pessoal de tempo e espaço, suprimindo o estético na escrita, através da velocidade que o obriga a condensar, a misturar planos, dando a ilusão de um objeto em movimento. Ações que acontecem em épocas diferentes se entremeiam, se completam e dão a impressão de uma montagem cinematográfica presente. O autor vê girar a sua volta um mundo que ele registra, ao fluir vivo dos ruídos, dos cheiros, das cores. Os objetos são percebidos sob diversos ângulos ao mesmo tempo, como se fossem a linha do horizonte, avistada da perspectiva de uma ilha. São tantos *flashes* de consciência de um homem, que em um bar, ou na rua, anota ao correr o que experimenta, registrando tudo onde o seu olhar pousa. Ele recompõe tudo pelo movimento do cérebro, ao invés do projetor de uma câmara.

Dentro dessa ótica, sentimos que sua poesia nos dá sensação de energia e surpresa, ao contrário de correspondência às convenções já estabelecidas, desta maneira coincidindo com o choque mental dos navegadores. Oswald não somente vê com olhos de cineasta, como de artista plástico em suas construções.

“E o ouro se encaixa
No coração da muralha negra
Recortada Laminada
Verde”

As experimentações do autor encontram seu sentido unificado nessa velocidade. O volume *Poesia Pau Brasil* continua a pesquisa dos efeitos cinematográficos. Poderíamos dizer que o poeta faz, de sua viagem a Minas Gerais, um filme escrito em versos. O leitor é constantemente obrigado a perceber que está vendo um filme:

“Bananeiras monumentais, mas no primeiro plano.

O cachorro é maior que a menina.
Cor de ouro fosco”

O cachorro é maior oticamente. A poesia de Oswald de Andrade, como um filme, usa uma lógica associativa ao invés de uma linguagem cinematográfica:

“São José del-Rei
O sol
O cansaço da ilusão
Igrejas
O ouro na serra de pedra
A decadência”

Note-se como o poeta não insiste no significado deste texto, mas quer nos fazer ver. E é neste sentido de nos querer fazer ver, que a arte de Oswald nos é apresentada numa visão antropofágica das artes plásticas. Sua poesia é cheia de surpresas, sem vínculos com nenhum padrão, ou convenção, puramente visual, de onde emerge muita energia.

O texto histórico — a Carta de Pero Vaz de Caminha ao El-Rei Dom Manuel, em 1500, é transformado em vívida poesia, e como a voz importante é a voz da pátria (que está ausente), o fenômeno da descoberta da língua poética indica o caminho artístico do navegador Caminha e do cineasta Oswald.

RURAL

Ronaldo Costa Fernandes

Orvalho o suor,
cultivo o sereno,
um passarinho
mal me viu
vem me piar
o bem da terra.
Pastoreio meus olhos
para subir as encostas
que deveriam se chamar
as escadas da montanha.
Meus sentidos então
se cabritam
e cabeceiam o silêncio.
Sou muito rural
quando me calo.

SANTO DE CASA FAZ MILAGRE, SIM

Gilmar Duarte Rocha

Sinhá Mariquinha tinha a fama de ser a pessoa mais devota à religião católica na pequena cidade de São José dos Suplicantes, localidade perdida em algum ponto da região do Recôncavo baiano. A senhora septuagenária, já caminhando para a casa dos oitenta, tinha o sestro de colecionar — além de adorar — dezenas, talvez quase uma centena de imagens de São Francisco de Assis, seja em forma de quadro, em escultura de bronze, de barro, de madeira, de porcelana; e até uma imagem do santo confeccionada com tecido e juta. Todos no lugarejo tinham ciência da existência e da abundância dessas efígies do frade franciscano (que virou santo dos pobres) na residência da velha solteirona. No entanto, o que poucos sabiam, é que a beata guardava a sete chaves um escapulário de ouro puro, datado de meados do século XIX, com a imagem do santo Francisco, joia essa que ela havia herdado do seu bisavô João Fulgêncio dos Reis, um famoso usineiro da região, que construía igrejas e capelas em todo lugar, mas que tratava à base de relho e do pelourinho as dezenas de escravos que labutavam e sofriam nas suas usinas baianas e alagoanas.

A religiosa Mariquinha levava a vida andando de casa para a igreja; da igreja para a casa de outras amigas beatas; rezando, benzedendo, maldizendo, orando, enfim cumprindo um roteiro, que se submetido ao mapa de calor, poderia se traduzir numa perfeita elipse geométrica com os seus eixos, distâncias e focos muito bem traçados, começando e terminando sempre no mesmo lugar.

Como a vida de um ser humano não pode ser traduzida como uma elipse definitiva, com caminhos e trajetória calculados matematicamente, desde o berço até o túmulo, que seguramente é último cômodo reservado ao burguês, eis que um belo (ou triste) dia o padre Cosme y Damião, um pároco quase centenário, que inclusive crismou, batizou e comungou a religiosa Mariquinha, foi dessa para melhor, despencando do altar da igreja matriz de Suplicantes, em plena missa, após ser abatido por um infarto fatal.

Criou-se um clima tamanho de comoção e tristeza na cidade e região, que foi preciso embalsamar o corpo do sacerdote católico,

para que todos os cidadãos e camponeses pudessem vê-lo e prestar-lhe a última homenagem.

Pois bem. Duas semanas após o sepultamento do querido padre, chegava à cidade o substituto enviado pela arquidiocese de Salvador, um clérigo jovem, simpático, elegante, robusto e muito comunicativo, de nome Alaor Barbosa, que pertencia à ordem dos carmelitas. Não demorou para a presença do novato criar certo clima de animosidade entre as fies do sexo feminino, mormente entre as moças, que raramente iam às missas no tempo do padre Damião, e as beatas (em especial, Sinhá Mariquinha), que eram grude e carrapato da casa do Senhor e que já faziam parte do inventário da igreja e que também já se sentiam incomodadas com o assédio da juventude feminina.

Certa tarde, para desbancar o ímpeto de uma mocinha que nunca tinha cumprido o sacramento da confissão dos pecados e que na hora de fazê-lo subiu em um tamborete e só faltou encostar os mamilos na grelha do confessionário, Sinhá Mariquinha, visivelmente irritada, saiu da fila das confessoras e foi ao encontro da jovem penitente, arrastando-a pela gola da camisa e esbravejando:

“Despudorada! Não tem vergonha? Isso é jeito de se comportar diante de um homem de Deus?”

A moça, assustada com a rispidez e a grosseria da beata, saiu correndo da igreja, gritando impropérios e prometendo revanche à velha senhora. Sinhá Mariquinha, por seu turno, embevecida com o ato de protesto à moralidade, seguiu altaneira para o confessionário. Ajeitou os cabelos presos por um antiquado coque; ajustou o pó de arroz do rosto; olhou para o seu busto e, vendo que as coisas desmoronadas pelo tempo não iriam seduzir o vigário, resolveu que utilizaria a sedução do patrimônio, que nunca falha, em situação alguma:

“... Santo padre, esses são os meus pecados, mas, quis o Santo Deus, que eu não perdesse a minha formosa casa na Rua das Camélias; a minha parte na propriedade de fabricação de farinhas em Nazaré; as minhas singelas joias herdadas de minha mãe, como

eu falei para o senhor eu sou devota de São Francisco e possuo várias imagens do santo em casa, inclusive um escapulário de ouro vivo, do século dezenove, que meu pai dizia valer mais que cem cabeças de gado, um presente do meu bisavô no dia do meu batizado...”

O sacerdote que ouvia calado a remissão dos pecados, ficou em silêncio por algum tempo, e depois disse palavras de benção e redenção à penitente, acrescentando: “tome cuidado com o escapulário, senhora. É uma relíquia que o Senhor Deus ofereceu à senhora e que deve ser muito bem guardado”.

Passaram-se duas, três semanas, mais precisamente às duas da madrugada de uma segunda-feira, Mariquinha é despertada por um barulho estrondoso vindo da sua sala de orações. Assustada, levantou-se da cama de camisola; acendeu a luz do candelabro de mão e, resoluta, encaminhou-se até o espaço de São Francisco, como ela denominava o seu ambiente de reza e meditação. Tomou um susto enorme quando viu o móvel antigo, uma espécie de cristaleira, onde ela guardava todas as suas imagens e esculturas sacras, estatelada no piso, com vários objetos quebrados e espalhados no chão. Mais adiante viu uma pesada escultura do santo esculpida em madeira nobre, escultura que ficava no alto do móvel e que rolava no chão coberta inteiramente de sangue. Ela não entendia o que havia acontecido ali. Olhou para o canto da dependência e viu a caixa que guarnecia o seu precioso escapulário de ouro. A caixa costumava ficar escondida atrás da escultura de madeira que estava banhada de sangue. Abriu a caixa e respirou quando constatou que o escapulário estava intacto. A sua preciosa joia sacra não havia sido violada. Olhou, então, de volta para o seu ensanguentado São Francisco de madeira e viu mais adiante um rastro de sangue que ia dar na porta da cozinha. Foi até a porta da cozinha — que encontrava-se estranhamente semiaberta — e vislumbrou na escuridão da noite um vulto de um homem de porte atlético, trotando cambaleante na direção do portão do fundo quintal. Uma coisa

Continuação na página 8

A ARTE DE FAZER UM POVO

Ana Paula Arendt

E escrevo para elogiar o artigo da importante jornalista inglesa Laura Cumming no *The Guardian*, publicado neste domingo, 2 de fevereiro. Cabe retirar o leitor brasileiro do estado de perplexidade. Para quem não leu: a crítica de arte inglesa ficou muito insatisfeita em não encontrar coleção que pudesse lhe inspirar familiaridade com nossa cultura na exposição “Brasil! Brasil!”, na *Royal Academy of Arts*, em Londres. O leitor imaginará que a curadoria tivesse escolhido artistas contemporâneos desconhecidos; mas, não.

A jornalista se aborrece em ver as obras de Tarsila do Amaral, Lasar Segall e Portinari – conforme ela, “*artistas de classe alta, formados em Paris, que retornam para casa para se apropriar de temas e motivos da cultura afro-brasileira*”. A obra de Segall é por ela descrita como “*derivativa de diversos modos*”. Ela sugere que as temporadas de artistas brasileiros em Paris e Berlim serviram apenas para experimentar “*o expressionismo, o cubismo, o futurismo e o fauvismo que estão, muitas vezes, totalmente indigestos, em suas obras*”. Por fim, critica a curadoria voltada para história da arte, antes do que para o valor artístico das obras. Apenas Rubem Valentim escapou da metralhadora dela. Mas os meus colegas não tiveram mesma sorte, leiam isto: “*De que outra forma explicar esta exposição suntuosa de arte surpreendentemente fraca (...) se não por ser mais algum tipo de iniciativa diplomática?*”

Nunca imaginei que algum dia eu viesse a defender arte moderna no Brasil, ou os meus colegas mais abastados. Verdade que ninguém daria maior atenção a comentários que reprisam a queixa de Monteiro Lobato ao

modernismo: aprendemos nos bancos escolares a evitar uma crítica apegada a um conceito fixo de arte, pela contradição desse intento com o propósito de criação do ofício. Mas a inconsistência dos argumentos para odiar todo mundo – exceto Rubem Valentim – me chamou a atenção. Sobretudo quando se afirma que os artistas brasileiros teriam “se apropriado” de temas e motivos do Brasil, como se não pudessem olhar para o próprio País em suas obras... Não quero com isso descer a uma crítica *ad hominem*, nem questionar se a jornalista inglesa teria tanto conhecimento de Brasil assim, a ponto de afirmar que os artistas brasileiros mais renomados não teriam vínculo afetivo concreto com a realidade brasileira.

Ocorre que a premissa me fez lembrar do protesto de Sócrates: “*Não sou ateniense ou grego, mas um cidadão do mundo*”. Ora, o valor de uma obra não repousa em certificados de origem onde foi feita. A ideia de que apenas a arte feita por europeus, e na Europa, seriam exemplares originais de seu tempo, parece carregar um teor temerário embutido. Artistas de diversos países do mundo fizeram parte dos movimentos artísticos que ela cita, não apenas do Brasil; e era a pulsação dessa diversidade em abertura, atraindo talentos célebres do mundo inteiro, o que tornava Paris e Berlim cidades centrais e interessantes.

E ainda que não se pudesse dar nenhuma importância ao caráter universal da arte, à Pátria de sentimento e de sonho em que se origina a expressão de um artista, nem à valorização do elemento nativo, nem à construção de novas imagens em comunhão com os grandes movimentos artísticos... Como ignorar que os trabalhos de Tarsila já ultrapassaram a casa dos 8 dígitos? Mesmo sendo ela mais

recente, foi apreciada em patamar não muito diferente da “*Cena de rua em Montmartre*”, de van Gogh, pintada em 1887, leiloadada recentemente na França. Não acho que uma obra de arte tenha preço; mas é um indicador objetivo de que o desprezo talvez tenha sido imotivado.

Mesmo assim, a jornalista se arrepende de ter visto o quadro de Tarsila “*Segunda Classe*”: parece detestar que a arte saiba da realidade dos excluídos e possa justamente despertar sentimentos complexos, repulsão, reflexão; não consegue identificar na obra fluente de nossos artistas a valorização dos traços, formas e cores regionais que encontramos na arte e na cultura popular brasileira. De certo modo, a crítica parece incorporar aquele ufanismo intimidatório que fez com que uma obra-prima de João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina*, fosse antes reconhecida em Nancy, por iniciativa de Chico Buarque, ao redor de 1966, do que em nosso solo, onde há cordel. Defender hoje uma ideia de Pátria definida por um senso estético unívoco, em que não cabem os excluídos, deveria ser objeto de nossa mais profunda reflexão.

Para esse efeito, a história da arte parece, pelo contrário, muito necessária para compreender as ideias estanques que os artistas modernistas quiseram derrubar, para incorporar outras perspectivas e libertar tudo que pudesse construir o valor e a identidade de um povo. A crítica no *The Guardian* sobre o sentido da arte brasileira favorece renovar essa discussão – atualíssima – sobre o que faz de um povo ser povo, ou o que faz um país ser grande.

SANTO DE CASA FAZ MILAGRE, SIM

Continuação da página 7

chamou a atenção de Mariquinha: o homem que fugia, aparentemente ferido, deixou escapular no chão um crucifixo de prata, que diferia dos demais crucifixos da cidade por possuir uma espécie de concha vazada no pé da cruz. Mariquinha olhou para o céu estrelado e, conhecedora de coisas da igreja de um modo geral, lembrou-se de que aquele modelo de crucifixo pertencia à ordem dos padres carmelitas. Ela parou, pensou e extravasou em latim: “*miserere nobis, ora pro nobis*”.

No dia seguinte ao incidente, Sinhá Mariquinha preferiu não contar a ninguém o estranho incidente ocorrido na sua casa durante a madrugada. Estava consternada e bastante decepcionada. Quando ia para a feirinha fazer compras, eis que encontrava a beata Maria do Rosário, amiga de longa data, que lhe transmitia uma notícia por demais esquisita:

“Você soube que bandidos tentaram assaltar o padre Alaor ontem à noite lá no fundo

da igreja? Quase arrebatam a cabeça do coitado. Teve que ser levado de ambulância para a capital. Parece que ele não volta mais”.

Sinhá Mariquinha parou, refletiu e devolveu à amiga uma sentença, aparentemente sem muito nexos:

“O padre Alaor parece que não gosta de imagens de santos, só de crucifixos. Deveria gostar de imagens, pois elas fazem milagres”.

A BRIGA DE LILICO E GIL POR AQUELE ABRAÇO

Marcelo Torres

Era fevereiro de sessenta e nove, dois meses após o AI5, o país vivia a fase aguda do regime militar, quando Gilberto Gil foi levado preso para um quartel perto de Realengo, no Rio. Assim que chegou à prisão, teve a barba e os cabelos cortados — com faca — pelos soldados de plantão. Que sorriam, se divertiam, celebrando a prisão de um ‘subversivo’, dizendo “alô, alô, Realengo, aquele abraço”.

Gil não sabia, mas aqueles militares estavam repetindo um bordão de um programa de tevê local apresentado pelo comediante Lilico (apelido e nome artístico de Olívio Henrique da Silva Fortes), morador de Realengo. No mesmo dia em que saiu da prisão, sob ordens militares para deixar o país, Gil compôs uma música de despedida, uma espécie de “catarse” por tudo que havia vivido ali.

Na letra, resolveu usar o mesmo bordão que ouvira dos soldados — “alô, alô, Realengo, aquele abraço”, incluindo “alô, torcida do Flamengo, aquele abraço”, e mais outros abraços em pessoas e coisas (tanto do seu agrado como do desagrado) que compunham um

quadro do Brasil naqueles dias.

Se prestarmos bem atenção na letra, olhando o contexto da época, veremos que não se tratava de uma exaltação ao Rio, a Realengo e à torcida do Flamengo. Assim como os soldados estavam sendo irônicos ao receber um preso com a frase “aquele abraço”, o agora ex-presos saudava a todos repetindo “aquele abraço”. Ora, Realengo ficava nos arredores da prisão, simbolizava os militares, enquanto o Flamengo era o time rival, pois ele torcia pelo Fluminense, campeão estadual naquele mesmo ano.

O diabo, contudo, é que o tal bordão acabou trazendo um problema à parte para o autor. É que Lilico, achando que Gil, ao usar aquela frase, teria cometido plágio, entrou na justiça reivindicando supostos direitos autorais. Queria uma parte do valor arrecadado pela música até ali e também a inclusão do seu nome como coautor da letra — porém não obteve êxito, a questão acabou morrendo na primeira instância.

Diante da causa perdida, Lilico não vendeu barato o insucesso, compondo uma paródia, na verdade uma sátira, para alfinetar Gil

do início ao fim, a começar pelo título, que também é refrão — “É bonito isso?” — repetindo-o até dizer chega. A letra começa assim: “O Rio de Janeiro continua lindo, ele disse (lindo)/ O Rio de Janeiro continua sendo, ele disse (lindo)/ E nesse disse-me-disse, verdade você não disse”.

Daí por diante é só flecha no bambu: “Você pegou ‘aquele meu abraço’/ Se a Bahia já lhe deu régua e compasso/ Realengo também deu tudo o que eu faço/ Eu com você nunca tive compromisso/ E ao meu povo eu pergunto/ É bonito isso?”. Na letra, diferente da ação judicial, ele diz que não tinha interesse financeiro: “Não é dinheiro, que eu não ligo isso/ Eu só pergunto às crianças/ É bonito isso?”.

Mais adiante: “Você me tirou do seu compasso/ A Bahia é testemunha que é meu aquele abraço/ Não quero briga, que eu não sou disso/ Eu só pergunto aos baianos/ É bonito isso?”. E segue nessa toada até o final: “Comigo não, compadre!/ Alô, Caetano Veloso/ É bonito isso?/ Salve a Gal Costa/ É bonito isso?/ Alô Roberto Carlos, aquele abraço/ É bonito isso?/ É bonito isso?/ É bonito isso?”.

SONETOS DE ANDERSON BRAGA HORTA

ÂNSIA

Ânsia estranha e fatal, que me devora o peito, esta de andar perdido diante dos pórticos do amor, que hora por hora brilha em meus olhos, fulge em meu semblante!

Fanadas ilusões! éreis a porta brilhante e azul do meu amor primeiro. Já não sois mais do que paisagem morta na retina cansada do romeiro.

Mas, como em muros recobertos de hera se abrem botões, às vezes, num sorriso, sigo em busca de nova primavera.

E assim vivo, e assim ando: ébrio, indeciso, esmagado de trevas, mas à espera da alvorada de um sol que não diviso.

BOAS-VINDAS

Quando cheguei e as portas se me abriram, a vida me embalou, meus pais sorriram e, mostrando-me a luz que tudo enseja, ninaram-me a cantar: Bem-vindo seja!

Quando o amor me chegar, puro e tranquilo, morto eu de frio, ele a ofertar-me asilo, na calma de quem nada mais deseja eu lhe murmurarei: Bem vindo seja!

Outra mulher virá, virá decerto, (ora sinto-a distante, ora tão perto) e será misteriosa, será linda...

Quando vier e, como quem se fosse, aconchegar-me ao seio amargo e doce, não sei se lhe direi: Seja bem-vinda!...

PARÓDIA DE UM SONETO DE OLAVO BILAC

Márcio Catunda

Ora, falas com astros, Zé Mané?
Viste Vênus dançando com Bilac?
Sabes de que partido Plutão é?
Foste à festa com Saturno de fraque?

Tresloucado leitor de pouca fé,
eu te direi, no entanto, aguenta o baque:
Netuno me levou num cabaré.
Marte, o brigão, me ofereceu conhaque.

Inteligências artificiais,
dizeis, cadê o senso, meu rapaz?
Amai para entender o meu cordel.

A Via Láctea me deu leite e mel,
e a NASA me chamou para bedel
na docência dos cursos siderais.

A FACE LITERÁRIA DO MÉDICO ANTIGO: TRIBUTO AO PROFESSOR DR. ALUYSIO VEIGA DE PAULA

Júlio Cezar Meirelles

O mestre Prof. Aluysio de Paula outro não foi senão lente e catedrático de Pneumologia e Tisiologia da FCM – Universidade do Estado da Guanabara, professor titular da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, ex-diretor do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; prócer de Tisiologia nas terras do Cone Sul, responsável pela pós-graduação em Pneumologia, Hosp. Universitário Antônio Pedro, entre outros títulos e várias qualificações, afora cargos de maior relevo que exerceu ao longo da sua luminosa carreira como professor de medicina. Vulto de grande expressão em nossa ilustre comunidade do saber, cujo talento serviu por primazia à medicina, preservando o espírito a disposição das artes, sobretudo plásticas e à cultura em geral.

Aluysio Veiga de Paula nasceu na localidade de Vargem Alegre, Barra de Pirai, RJ, em 1907, sendo um dos 4 filhos do Dr. Luiz de Paula e Noemia Veiga de Paula; parente ademais de Raul Veiga, ex-governador do Estado do Rio de Janeiro nos anos 20.

Formou-se em medicina pela Faculdade Nacional de Medicina, Rio de Janeiro, aos 20 anos e embarcou para a Europa (Alemanha), onde estagiou por breve período, o que corresponderia à sua “pós-graduação”.

Seu nome ilustra a contento uma tese que dispõe sobre a feição universal do brilho intelectual, a ponto de atuar num ramo do conhecimento sem perder a noção do todo e mais, sem perder a soberania no discernimento erudito. Aliás, assim era o perfil do médico na década de 50/60, um intelectual por excelência que sabia um pouco de tudo e muito sobre a ciência médica.

A medicina com seu fascínio nos primórdios do século passado era natural que conseguisse sequestrar o talento desse estudioso para suas lides então faiscantes, que além do brilho nos salões da belle époque, exigia o desprendimento dos afoitos, mesmo porque só ela oferecia palco ideal para um desempenho “au grand complet” de um talento universal, olímpico nas artes do saber e do fazer. Haja vista a plêiade de literatos

que serviu à medicina em boa hora, virtuosos nos domínios da ciência e ariscos no universo das letras. Era possível e muito frequente a interação do escritor com o médico. Exemplos? Afrânio Coutinho, Pedro Nava, Jorge de Lima, Bilac (quase médico), Moacyr Scliar, entre tantos outros.

Ora a medicina exigia uma formidável formação humanística, a própria ciência médica impregnada de aforismos e proposições abstratas, isto é, tinha limites muito tênues com a filosofia e a religião. Exigia conhecimentos fartos, domínio da filosofia, das línguas clássicas e um leque formoso de habilidades e adestramentos, tudo bem acondicionado numa personalidade de fino trato e apurado bom gosto. Ser educado não bastava, costume dizer que o médico das primeiras décadas do século XX, dominava bem todos os ramos do conhecimento, sendo um profundo conhecedor da medicina em particular. Professor Aluysio de Paula ilustra como poucos essa figura. É bem o caso.

Aluysio de Paula apresenta com notável perfeição esse tipo que esculpiu a imagem da medicina de escol e devotou toda carga do seu talento no exercício de uma profissão onde alternava o brilho retórico do mestre com a competência do saber praticado.

A feição do saber antigo denota por excelência um conhecimento olímpico com mechas de apurado domínio; hoje, uma desilustração eclética faz do médico quase sempre um precário técnico de nível superior, no dizer funesto do plano de classificação de cargos.

Brilha ainda mais esse arcano de maneiras pródigas, gesto fino e discurso necessário, contra o fundo negro da cultura médica em nosso tempo, melhor, dotado de luz própria.

Conheci o mestre Aluysio de Paula, já assim chamado nos círculos acadêmicos do hospital-escola Pedro Ernesto, como interno do seu serviço de pneumologia, pelos idos e havidos de 1965/66.

Bem me recordo de sua figura amável e elegante, cioso das relações amistosas com a gramática sem atentar contra o pudor linguístico dos interlocutores distraídos, capaz de brilhar sem ofuscar os neófitos e circunstan-

tes como eu, com a midríase dos curiosos. Viveu sua profissão a bem dizer de corpo e alma: contraiu tuberculose pulmonar e buscou refúgio em 1928 na então Vila de Campos de Jordão-SP, onde era paciente e médico tisiologista do Dispensário Emilio Ribas e da Associação dos Sanatórios Populares. Em 1933, curado, Aluysio volta para o Rio de Janeiro e passa a ser médico do poeta Manuel Bandeira, acompanhando sua sequela sintomática. Assim, na qualidade de médico e cultor de artes, conviveu com Djanira, Nelson Rodrigues, Pancetti e Dom Marcos Barbosa, entre outros.

Em 1936 inicia uma parceria com Manuel de Abreu, um gênio científico da época, um dos primeiros médicos e pesquisadores a descrever a densitometria em radiologia, além de ter sido o criador da fotografia em “écran” fluorescente, fato que lhe garantiu fama internacional. A abreugrafia tornou possível, como método de baixo custo e imagem reduzida, campanhas de investigação em massa para detecção precoce da tuberculose em nosso país.

Em 24 de setembro de 1953 Aluysio toma posse na Academia Nacional de Medicina, cadeira 15, sendo saudado pelo próprio Manuel de Abreu. A propósito, em seu Livro *O Médico e o Tempo*, editado pela academia, consta um prefácio sobre um de nossos livros de poesia.

Em fevereiro de 1961 assume o cargo de Diretor Executivo do Museu de Arte Moderna, permanecendo na função até agosto de 1966.

Sua figura trazia uma atmosfera especial às amplas enfermarias banhadas pela luz morna da manhã, dotado como sempre da rara virtude da audição, sabia como nos convidar ao discurso para depois informar com alegria e o tato de um aprendiz mais graduado. “docere num delectare”.

Um gentil-senhor, para mim sempre recém-chegado das cortes, dos salões da Europa, ou dos austeros anfiteatros das santas-casas, após uma conferência médica. Isso sem exalar afetação e pompa, mas sempre suave e benigno.

Nosso convívio sempre foi ameno e amistoso, sem comprometer a distância for-

Continuação na página 12

O PROFESSOR ESTÁ DORMINDO

Edmílson Caminha

Um dia, após o almoço, telefonei para meu amigo Affonso Romano de Sant'Anna, em busca de artigo seu que não achava:

— O Professor está dormindo — ouvi da secretária. — Ligue depois das três, por favor.

Sesta a que tinha direito, sem a preocupação de horários, ele que passara a vida a estudar, pesquisar, escrever, dar aulas, em cursos de graduação, mestrado e doutorado... Embora ainda na plenitude do vigor e da produção intelectual, a viajar, participar de bancas, simpósios e congressos, usufruía a tranquilidade de ver-se respeitado pelos alunos, querido pelos colegas, estimado pelos leitores, como escritor que fazia maior a literatura brasileira, com dezenas de livros de ensaios, poemas e crônicas que lhe atestam o saber e o talento.

Ainda consultor legislativo da Câmara dos Deputados, pensei: “Daqui a alguns anos, aposentado, também dormirei até as três da tarde...”. Como neste 5 de março, quando abro o *notebook* para homenagear o mestre de nós todos, falecido ontem, aos 87 anos de uma bela e luminosa existência.

Nascido em Belo Horizonte, passou parte da infância e da juventude em Juiz de Fora, onde a família, protestante, esperava seguisse a carreira de pastor. Mais forte, porém, a vocação das letras o apaixonaria: com trajetória brilhante na universidade brasileira, correria o mundo, convidado por prestigiosas instituições acadêmicas. Conta-se que, nos Estados Unidos, foi generoso o bastante para aprovar alunos que, sem boas notas, iriam para a guerra do Vietnã.

Aos 28 anos de idade, começou a escrever *Carlos Drummond de Andrade: análise da obra* (1972), primeira tese de doutoramento sobre a poesia do conterrâneo mineiro, defendida na Universidade Federal de Minas Gerais em 1969. As edições seguintes se intitulam *Drummond, o gauche no tempo*.

Presidente da Fundação Biblioteca Nacional, de 1990 a 1996, criou o Sistema Nacional de Bibliotecas e o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), que transformaram milhões de jovens em bons leitores, homens e mulheres com sensibilidade literária, consciência crítica, incapazes de viver em um mundo sem livros, como gostava de dizer o bibliófilo José Mindlin.

Publicou muito: à extensa obra poética, enfeixada em *A poesia possível* (1987), some-se a prosa de *Por um novo conceito de literatura brasileira* (1977); *O canibalismo amoroso* (1984); *Mistérios gozosos* (1994); *Perdidos na Toscana* (2009); *Ler o mundo* (2011); *Música popular e moderna poesia brasileira* (2013); *Entre leitor e autor* (2015); *Quase diário* (2017). Com a mulher, jornalista e também escritora Marina Colasanti, assistiu a um momento histórico, a desintegração da União Soviética, sobre que escreveram crônicas reunidas no volume *Agosto 1991: estávamos em Moscou*. A repórteres que depois lhes perguntaram se tinham noção do que iria acontecer, respondiam bem-humorados: “O Gorbachev nos telefonou na véspera e disse: ‘Venham que vocês vão ver a Rússia sair finalmente do século XIX’”. Dele e de Marina é, também, *Com Clarice* (2013), canto de louvor à amizade que os unia à autora d’*A paixão segundo G.H.*

Com agudeza crítica, Affonso identificou três momentos que marcam a evolução da poética drummondiana, no decorrer de 15 anos: o “eu maior que o mundo”, o “eu menor que o mundo”, o “eu igual ao mundo”. E sublinha os versos que os representam:

*Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma
solução.*

*Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.*

(“Poema de sete faces”, in *Alguma poesia*, 1930)

*Não, meu coração não é maior que
o mundo.*

É muito menor.

Nele não cabem nem as minhas dores.

(“Mundo grande”, in *Sentimento do mundo*, 1940)

*Vosso pai sumiu no mundo.
O mundo é grande e pequeno.*

(“Caso do vestido”, in *A rosa do povo*, 1945)

Por *insights* brilhantes como esse, viria a ser referência drummondiana, com quem

tanto aprendi nos encontros que tivemos em Itabira e em Brasília. Sobre o livro em que reúno depoimentos que me deram nomes importantes da nossa literatura (entre eles Drummond, a quem se refere no aumentativo), mandou-me carta:

Rio, 5.11.1999

Caro Edmílson

Depois daqueles dias mágicos em Itabira – fora do mundo, em outra história/estória, engolfados no turbilhão drummondiano, cá estamos. E seu livro, eu o fui lendo já na viagem. As entrevistas: coisa de profissional competente.

Aquela com o “poetão”, por exemplo, é marcante. Ele diz coisas, ali, que nunca disse (o que é difícil, pois qualquer um, depois de certo tempo, começa a se repetir, mesmo porque os entrevistadores – os banais – não têm imaginação para provocar, instigar). E você provocou-o direitinho.

É desses livros que serão consultados sempre, para estudos e prazer.

No mais, a vida. Parabéns.

Logo se tornaria, ele mesmo, uma das vozes mais relevantes da poesia brasileira. Seu fabuloso “A Catedral de Colônia” (1985), em que imagina as torres imensas a fazer cócegas nos pés de Deus, levou-me à Alemanha para conhecê-la, com Ana Maria. Ao saber-me lá, pôs-me em contato com seu tradutor alemão, Reinhard Kissler, na companhia de quem passamos noite para não esquecer, a degustar vinho e a conversar sobre Drummond, Guimarães Rosa... e Affonso Romano de Sant'Anna.

Demos os dois, ao amigo que nos aproximara, um crédito incomum: a par da beleza dos versos, popularizava a poesia, por eleger como temas, nas colunas dos jornais e em programas da televisão, notícias do cotidiano, como as vitórias de Ayrton Senna e as bombas, na comemoração do Dia do Trabalhador, em 1981, com que militares terroristas por pouco não causam enorme tragédia. Sobre o ato criminoso, escreveu “A Implosão da Mentira ou O Episódio do Riocentro”, poema que, mais de 40 anos depois, impressiona pela atualidade. Parece feito hoje, quando radicais

Continuação na página 12

bolsonaristas planejam atentados e golpes contra o Estado democrático. As quatro primeiras estrofes:

Mentiram-me. Mentiram-me ontem
e hoje mentem novamente. Mentem
de corpo e alma, completamente.
E mentem de maneira tão pungente
que acho que mentem sinceramente.

Mentem, sobretudo, impune / mente.
Não mentem tristes. Alegrementem.
Mentem tão nacional / mente
que acham que mentindo história afora
vão enganar a morte eterna / mente.

Mentem. Mentem e calam. Mas suas
frases
falam. E desfilam de tal modo nuas
que mesmo um cego pode ver
a verdade em trapos pelas ruas.

Sei que a verdade é difícil
e para alguns é cara e escura.
Mas não se chega à verdade
pela mentira, nem à democracia
pela ditadura.

Altíssimo poeta, Affonso foi, também, cronista admirável. Não sem razão, Drummond indicou-o, em 1984, para sucedê-lo no *Jornal do Brasil*. Uma das suas páginas, “A mulher madura”, encanta pela expressão dos sentimentos e pela delicadeza do lirismo, como no trecho:

Há uma serenidade nos seus gestos, longe dos desperdícios da adolescência, quando se esbanjam pernas, braços e bocas ruidosamente. A adolescente não sabe ainda os limites de seu corpo e vai florescendo estabanada. É como um nadador principiante, faz muito barulho, joga muita água para os lados. Enfim, desborda.

A mulher madura nada no tempo e flui com a serenidade de um peixe. O silêncio em torno de seus gestos tem algo do repouso da garça sobre o lago. Seu olhar sobre os objetos não é de gula ou de concupiscência. Seus olhos não violam as coisas, mas as envolvem ternamente. Sabem a distância entre seu corpo e o mundo.

Encontramo-nos pela última vez em 2017, nos camarins da Globo, para o programa *Conversa com Bial* a propósito dos 30 anos do falecimento de Drummond. Não me pareceu bem, indício, já, do começo do mergulho nos abismos tenebrosos da doença de Alzheimer, que o prenderia ao leito por quatro anos. Neste 2025, partira, há pouco mais de um mês, a companheira Marina, com quem vivera uma bela história de amor, de um para com o outro e do casal para com a literatura. Mesmo nos porões da desmemória, o poeta sentiu-lhe a falta e transformou-se em luz, ele, que um dia confessara:

O que não escrevi, calou-me.
O que não fiz, partiu-me.
O que não senti, doeu-se.
O que não vivi, morreu-se.
O que adiei, adeus-se.

O legado de Affonso Romano de Sant’Anna o manterá vivo, no afeto dos que o conheceram e na emoção dos que o leem. Agora, o Professor está dormindo. Dormindo profundamente, como no poema de Bandeira.

A FACE LITERÁRIA DO MÉDICO ANTIGO: TRIBUTO AO PROFESSOR DR. ALUYSIO VEIGA DE PAULA

Continuação da página 10

mal entre aprendiz e mestre. Coursou afável desde o primeiro instante, graças talvez a uma secreta e maldita afinidade de almas que vibram na mesma faixa de ondas avulsas no formidável silêncio do éter.

O Professor Aluysio de Paula representa sobretudo um mestre que a medicina em boa hora sequestrou das artes em geral e da literatura em particular. Prova da sua intangível arte de expressão são os trabalhos médicos lavrados em linguagem fluida e envolvente, desfeita dos trechos maçantes e repetitivos da locução técnica cheia da magia de quem sabe o valor dos verbos além dos limites da mensagem.

Seria injusto de minha parte, se não uma grave omissão, deixar aberta a noção do antigo em sua pessoa. Não. Foi uma exata ponte entre o perfil do mestre antigo e a figura esguia e ágil do professor moderno de franquias verbais e reticente pudor acadêmico, senhor do sim e do não, da hora justa do silêncio.

Defini-lo é vão, quase impossível como fixar uma sombra entre lâmina e lamínula. Sei que ele não é um anjo torto desses que vivem na sombra, a recomenda poetas pela vida afora. Visto por dentro e passado a limpo também não é uma figura de almanaque nesse discurso linear da comunidade científica. Seu apreço pelo discurso humano jamais lhe permitiu usar o verbo como veículo estático

da ideia científica. Pelo contrário, em conversa comigo, pouco tempo atrás, sentados lado a lado num anfiteatro, mostrou-se fascinado pela imagem do “vento açoitando um campo de trigo” como alternativa semântica para o movimento ciliar existente na superfície do brônquio. Parecia jurar que a vida copia a arte. Coisa de menino.

Professor Aluysio de Paula é um amigo de qualquer idade, quer dizer, tinha sempre a nossa idade.

Mestre na arte do convívio, gerente de amenidades e cultor pródigo da cidadania. Recordo-me bem do seu Cristo de peças e engrenagens do tipo roda dentada, o Cristo operário que brilhava como um Deus secreto no altar do meu encantamento marxista, menino ou rei mago da militância estudantil na época, nos idos de 60. Um Cristo artesanal, na parede do seu gabinete.

Seu discurso é mais universal do que a ciência comporta, pois tem a iluminação olímpica dos querubins de paletó e gravata, a verve do moço antigo e sobretudo o estilo claro e fluente da água de rocha brilhando inquieta entre a pedra e o sol.

O autor que ele poderia ter sido e não foi, não o autor realizado pelo objetivo técnico e científico da medicina como cultor do belo e gestor do necessário, cujo apurado uso da linguagem deixa reconhecer o escritor maduro,

cujo compromisso discursivo fica entre a ideia criada e o fato descrito. Sem perda de substância. Vale como exemplo o trecho extraído do seu discurso de abertura do primeiro encontro da Associação Italo-Americana de Pneumologia e Alergologia, da qual foi presidente, ocorrido em abril de 1982, no Rio de Janeiro:

“Em outubro de 1981, em Sorrento, encerrava-se o XXV Congresso Italiano de Tisiologia e Doenças Pulmonares Sociais. Sem se chegar ao extremo poético que partir é morrer um pouco, quando o Presidente dá por encerrada a última sessão, é como se pusesse fim ao encantamento das horas tranquilas, nas quais os mais graves problemas eram discutidos sem a pressão das obrigações rotineiras. Foi quando um grupo de congressistas pensou em não ter a continuidade de nossos encontros e nascia assim a Associação Italo-Latino-Americana de Pneumologia e Alergologia Respiratória, aqui, pela primeira vez reunida sob o Cruzeiro do Sul.”

Como se vê, a fluidez do texto moldura a contento o cerne prosaico da ciência médica, num estilo aberto “falado” limpo e revelador como os vitrais do Iluminismo; vertente de águas entre o médico de letras e o escritor genial.